

J. P. MONNINGER

O Mapa que me leva até Ti

Às vezes, a estrada
desconhecida é a que leva
ao nosso destino.

«Romântico
e inesquecível.»
Nicholas Sparks

TOP
SEL
LER

Para Andrea e Christina

Gostaria de enterrar qualquer coisa valiosa em todos os lugares onde fui feliz, e, mais tarde, quando fosse velho e feio e infeliz, podia regressar, desenterrá-las e recordar.

— Evelyn Waugh, *Reviver o Passado em Brideshead*

Prólogo

Bênção das Fitas

É A TUA MÃE — de entre todas as pessoas — que tira a melhor fotografia de ti e das tuas duas melhores amigas no dia em que se licenciaram pelo Amherst College, no Massachusetts. A tua mãe é péssima a manejar uma máquina fotográfica, famosa por isso, e detesta ser chamada para tirar fotografias, porém, canalizando um derradeiro vudu materno mesmo antes de a idade adulta lhe arrebatara a filha para sempre, ela notabiliza-se quando a enorme tempestade de clarões resultante dos *flashes* produz resultados decepcionantes. Extraordinariamente, não é um dos milhares de fotografias que os pais exigem: não é uma foto do aluno a caminho do palco, não é uma foto de ti ou de vocês três (jovens, com a vida toda pela frente, as capas sopradas pela brisa suave, típica de Nova Inglaterra, os carvalhos de Amherst brilhando ao sol, os diplomas fingidos erguidos acima da cabeça), fotos obrigatórias em cerimónias universitárias por todo o mundo. Não é nenhuma dessas. Não é sequer aquela com os vossos pais, nem com as priminhas da vossa amiga Constance, tão bonitinhas com os seus vestidos leves estampados. Também não é a foto de outorgamento do título académico, ou o aperto de mão encenado com o presidente da faculdade, nem o momento final em que os alunos

lançam os barretes ao ar, quase cegando as pessoas com os seus discos voadores quadrados.

É uma coisa ao mesmo tempo menor e maior do que isso. É uma fotografia de perfil — as três sentadas em cadeiras articuladas, com os rostos ligeiramente inclinados para ouvir quem discursa e os olhos um pouco semicerrados por causa da intensidade do sol. As pessoas fingem ignorar a presença de um fotógrafo, a iminência de um disparo da máquina, porém, naquele caso, o desconhecimento é genuíno. A tua mãe conseguiu o instantâneo numa manobra digna de um ninja, só Deus sabe como, mas retrata a Constance primeiro. É louca e otimista, a sua expressão tão gentil, tão inocente, que ficamos com um nó na garganta de cada vez que a contemplamos. Depois, a Amy, morena e pensativa, mas o centro de tudo, da diversão, da brincadeira, a espalha-brasas, a hiperativa, a refilona, aquela cujo olhar transmite sempre doçura. Sim, também tem a cabeça inclinada para cima.

E depois tu. Olhas para aquela rapariga, a tua imagem, uma dúzia de vezes, uma centena de vezes, para ver o que espelha aquele rosto. Quem é aquela rapariga, aquela economista, duas vezes estagiária, a rapariga com o emprego glamoroso e lucrativo como banqueira de investimento à sua espera no final do verão? Mal a reconheces; mudou ao longo dos últimos quatro anos, amadureceu, tornou-se, porventura, mais sábia, uma mulher em lugar de uma rapariga. Ao mesmo tempo, é insuportável olhar para ela, porque vês a sua vulnerabilidade, as suas falhas, as suas contendas. És a terceira numa sucessão de três amigas, aquela que arregaa as mangas e faz o que é preciso, a que é um pouco controladora, e obsessiva em relação a isso, a que será sempre enviada para levar a Amy para onde quer que ela precise de ser levada, para emprestar substância à propensão natural da Constance para o devaneio. A cor do teu cabelo encontra-se algures entre o louro da Constance e o moreno da Amy, o ingrediente final da combinação, seja ela qual for, que as três compõem. És o osso, se elas forem a cartilagem; se elas forem pássaros, tu serás a gravidade.

Um momento há quatro anos. Retrata tudo. No espaço de semanas, estarás na Europa, para o que costumava apelar-se de Grand Tour; irás andar a viajar e a divertir-te à grande por uma variedade de

países, mas, por agora, neste instante, estás à beira de tudo. E a tua mãe apercebeu-se disso e immortalizou o momento, e tu não consegues olhar uma só vez sequer para essa fotografia sem tomar consciência de que os vossos três corações estão unidos e que, num mundo louco, cada uma de vocês tem duas coisas — duas coisas puras e infinitas — com as quais pode contar naquele dia e todos os dias a seguir a esse.

É o último e grandioso minuto antes de ele entrar na tua vida, mas tu não sabes isso, não podes saber. Mais tarde, contudo, irás tentar imaginar onde estava ele nesse instante exato, no momento em que se virou e começou a viajar na tua direção, e tu na dele, e na forma como o mundo à vossa volta não reparou nisso. A tua vida não seria a mesma, mas isso estava tudo em suspenso, não passava de destino, acaso e inevitabilidade. O Jack, o teu Jack, o teu único e grande amor.



Parte Um

Amesterdão



1

A QUESTÃO É ESTA: nada disto teria acontecido se o comboio para Amesterdão não estivesse apinhado. As pessoas pareciam gananciosas por espaço, frustradas por haver mais gente do que lugares e o comboio estar literalmente à cunha, por isso, assim que encontrei um lugar, sentei-me e mantive a cabeça baixa. Ia a ler *O Sol Nasce Sempre*, um grandessíssimo cliché, claro — uma recém-licenciada a ler Hemingway na sua primeira viagem à Europa com as amigas —, mas isso não me ralava. Já tinha obrigado a Constance e a Amy a beber café e conhaque no Les Deux Magots e percorrera a margem esquerda do Sena e sentara-me sozinha com os pombos no Jardin du Luxembourg. Não queria deixar Paris. Não queria abandonar as suas largas avenidas, os homens a jogar *boules* nas Tuileries, as cafetarias, os tragos amargos de café forte, as buzinas engraçadas das *scooters*, os quadros e os museus e os saborosos crepes. Não queria virar as costas ao nascer do sol, quando os funcionários dos cafés varriam o empedrado dos passeios e os limpavam a poder de mangueira preta e de água cor de prata, nem aos finais de tarde, em que por vezes cheirava a fumo ou a castanhas e os idosos se sentavam nos seus bancos de três pernas, munidos de canas de pesca, e lançavam as linhas, iscadas com larvas de mosca, ao Sena. Não queria

deixar os livreiros ao longo do rio, as suas bancas bolorentas carregadas de livros velhos e amarelados, os pintores paisagistas que espalhavam os seus óleos nas telas retesadas, tentando captar o que jamais podia ser captado, mas apenas sugerido, aludido, transformado num fantasma do que a cidade reservava. Não queria deixar a Shakespeare & Co., a livraria inglesa, o eco distante de Hemingway e Fitzgerald, de noites passadas a chapinhar na fonte do Ritz, ou o estrábico Joyce avançando às mordiscadelas pela sua prosa como um rato esfomeado por letras impressas. Também não queria deixar as gárgulas, as surpreendentes e vigilantes figuras de pedra que, dos beirais das catedrais, de Notre-Dame e de um cento de outras igrejas, contemplavam os transeuntes. Os seus rostos pétreos, por vezes raiados de negro, faziam pensar que a pedra podia conter lágrimas e libertá-las no decorrer de séculos.

Diz-se que nunca podemos deixar Paris, que tem de ser a cidade a deixar-nos a nós, se assim decidir.

Tentei levar Paris comigo. Enquanto lá estivera, lera *Paris É uma Festa*, *O Adeus às Armas* e *Death in the Afternoon*. Tinha-os a todos no meu *iPad*, uma minibiblioteca portátil de Hemingway, e, se bem que viajasse com a Constance e a Amy, também viajava com Hemingway.

Ia então a ler. Era tarde. Estava na Europa há já duas semanas e meia. Rumava a Amesterdão. A Constance tinha adormecido ao meu lado (lia *Vidas dos Santos* e seguia na sua própria viagem espiritual para ler e ver tudo o que conseguisse acerca de santos, e para examinar tudo o que era estátuas ou representações de santos, uma paixão dela e o tema da sua tese, a hagiografia) — e a Amy esticou a cabeça por cima do encosto do banco e começou a atirar-se a um rapaz polaco chamado Victor. Victor cheirava a sardinhas e vestia um casaco com estampado camuflado, mas a Amy não parava de me acotovelar de cada vez que dizia qualquer coisa que achava espirituosa; a sua voz adquiriu aquele ritmo monocórdico e namoriscador que indicava que ela estava a dar corda a um tipo, corda essa com que depois o enforcaria. O Victor era giro, encantador e dono de uma voz que

o fazia soar vagamente ao Count Chocula¹, e a Amy, percebi, estava pelo beicinho.

Era nesse pé que as coisas estavam quando o Jack apareceu.

— Seguravas-me nisto? — indagou ele.

Não levantei a cabeça do livro. Não percebi que ele se dirigia a mim.

— Ei! — chamou ele.

Empurrou então uma mochila contra o meu ombro.

Levantei a cabeça. Vi o Jack pela primeira vez.

O nosso olhar cruzou-se, fixou-se e assim permaneceu.

— Sim? — perguntei, consciente de que um de nós já devia ter desviado o olhar.

Ele era deslumbrante. Na verdade, era mais do que deslumbrante. Era alto, para começar — um metro e noventa, talvez — e bem-constituído. Vestia um casaco de forro polar verde-azeitona e calças de ganga, e o modo como ambas as peças lhe ficavam tornavam aquele conjunto o mais interessante que alguém jamais se lembrara de usar. Alguém, ou alguma coisa, lhe partira o nariz há muito tempo, tendo a cana sarado com a forma de um apóstrofo. Exibia dentes fortes e um sorriso que se entevia em duas covinhas um instante antes de se rasgar. O seu cabelo era preto e encaracolado, mas não estilo afro, mais estilo Clube dos Poetas Mortos. Também reparei nas mãos dele; eram grandes e robustas, como se não receasse trabalhar com elas, e fez-me lembrar (só um pouco, porque soava disparatado dizê-lo, até a mim mesma) o Hugh Jackman, aquele maldito Wolverine. Parecia ser um tipo despreocupado — um termo exagerado, mas correto, ainda assim — um homem que vivia por trás de um piscar de olhos que indicava que entendia a piada, estava a par dela, não a levava a sério, mas esperava que ríssemos dela. Que piada seria essa ou que papel desempenhava na tua vida não era bem claro, mas os cantos da minha boca elevaram-se um pouco, num prenúncio de um sorriso. Detestei que ele me tivesse arrancado um sorriso, ou mesmo o reflexo de um sorriso, e tentei baixar o olhar, mas os olhos dele não mo

¹ Count Chocula é uma personagem parecida com o Conde Drácula, que é mascote de uma marca de cereais achocolatados norte-americana. [N. da E.]

permitiram. Fitava-me com um olhar de cachorrinho e não consegui resistir a ouvir o que ele tinha para me dizer.

— Importavas-te de me segurar nisto enquanto eu trepo? — pediu ele, empurrando novamente a mochila na minha direção. Não desviou o olhar.

— Trepas para onde?

— Aqui para cima. Para o suporte da bagagem. Já vais ver.

Largou a mochila no meu colo, e eu pensei *Podias tê-la pousado no corredor, Wolverine júnior*. Vi-o então desenrolar o saco-cama no espaço que desobstruíra no compartimento da bagagem e não pude deixar de admirar a habilidade dele. Também não pude deixar de admirar os seus quartos traseiros e o V formado pelas suas costas, e quando ele estendeu o braço para alcançar a mochila, baixei o olhar, envergonhada e culpada.

— Obrigado — disse ele.

— De nada.

— Jack — apresentou-se ele.

— Heather — disse eu.

Sorriu. Pôs a mochila em cima do saco-cama, a fazer de almofada, e trepou. Parecia demasiado corpulento para caber no compartimento, mas, à força, contorcendo-se, lá conseguiu. No final, sacou de uma corda de escalada e entrelaçou-a pelos suportes de modo a não cair, caso o comboio tivesse de curvar.

Olhou para mim. Entreolhámo-nos de novo, fixamente.

— Boa noite — murmurou.

— Boa noite — respondi.

2

PODE SOAR DISPARATADO, mas é possível tirar várias conclusões acerca de uma pessoa pela forma como ela dorme. Para mim, tal constitui uma espécie de estudo em curso. Por vezes, tiro fotografias a pessoas a dormir; a Constance diz que pertencem à série que ela gosta de apelidar de paisagens noturnas. Seja como for, observei o Jack em pequenos vislumbres, como se fosse um filme, porque o comboio avançava a toda a velocidade e as luzes da rua penetravam em clarões fugazes, iluminando-lhe o rosto. Podemos dizer se uma pessoa é ansiosa ou não, se é corajosa ou temerosa, se é brincalhona ou muito séria, pelas expressões que faz enquanto dorme.

O Jack dormia tranquilamente, de costas, totalmente esticado. Tinha pestanas grossas, cerradas, e, sob as pálpebras, os seus olhos mexiam-se rapidamente — um dos ciclos de sono REM. Os lábios entreabertos permitiam-me ter vislumbres dos dentes, e mantinha os braços cruzados sobre o peito. Era um homem bonito. Levantei-me por duas vezes para alongar as costas e observá-lo sorrateiramente, as luzes intermitentes transformando-o numa personagem de um filme a preto-e-branco, um filme de Fellini.

Continuava a olhar para ele quando o meu telefone tocou. Era a maternossauro.



— Então, onde é que está agora a minha filha aventureira? — quis saber a minha mãe, as suas cordas vocais lubrificadas pelo café matutino. Imaginei-a na nossa cozinha em Nova Jérсия, a roupa daquele dia estendida em cima da cama, no piso de cima, enquanto ela tomava o seu café e pequeno-almoço sem hidratos de carbono num prato minúsculo, sobre a bancada da cozinha.

— No comboio para Amesterdão, mãe.

— Oh, que emocionante. Já deixaste Paris. Como estão as raparigas?

— Estão ótimas, mãe. Onde estás?

— Em casa. A tomar o meu café. O teu pai foi para Denver, em negócios. Pediu-me que te ligasse, porque tens aqui uma pilha de cartas do Bank of America. Parecem ter sido enviadas pelo departamento de recursos humanos... Devem estar relacionadas com seguros, planos de saúde e assim, mas presumo que algumas delas necessitem da tua atenção.

— Eu trato disso, mãe. Já falei ao telefone com as pessoas dos recursos humanos.

— Olha, eu aqui sou apenas o mensageiro. Já sabes como é o teu pai. Não gosta de ver assuntos pendentes, e tu vais trabalhar para o amigo dele.

— Eu sei, mãe — respondi —, mas não me teriam contratado se não achassem que eu dava conta do recado. Licenciei-me com 18 valores e recebi três ofertas de emprego, além desta. Falo francês e um pouco de japonês, escrevo sem erros e exprimo-me muito bem e...

— Claro. — Interrompeu-me porque sabia muito bem que assim era, e eu estava a ser sentenciosa apenas como defesa. — Obviamente, querida. Não quis insinuar nada.

Respirei fundo e tentei acalmar-me.

— Eu sei que terei inevitavelmente de tratar de alguma papelada, mas vou deixar tempo suficiente para isso, antes de começar a trabalhar em setembro. Diz ao pai que não se preocupe. Vai correr tudo bem. Eu tenho tudo sob controlo. Sabes que não sou pessoa de

descurar essas coisas. O pai não precisa de stressar. Quando muito, sou até um pouco obsessiva com os pormenores.

— Eu sei, filha. O mais certo é que ele se sinta um pouco dividido. Por um lado, quer que explores a Europa, por outro, sabe que este emprego é muito importante. Como sabes, a banca de investimento é...

— Eu entendo, mãe — afirmei, imaginando-a com a cabeça de um T-Rex, abocanhando-me e erguendo-me lentamente do chão. Mudei de assunto e perguntei pelo meu gato. — Como está o Sr. *Periwinkle*?

— Ainda não o vi esta manhã, mas há de andar por aqui, algures. Está muito perro e tem caroços, mas não perdeu o apetite.

— Dás-lhe um beijinho por mim?

— E que tal fazer-lhe festas por ti? É um bicho imundo, querida. Verdadeiramente infeto, e eu sei lá o que é que ele tem na pele.

— Mãe, ele pertence à família há 15 anos.

— Achas que não sei isso? Sou eu que lhe dou de comer e que o levo ao veterinário, já te esqueceste?

— Não, mãe, não esqueci.

Virei o *iPad* ao contrário. Não queria ver o meu rosto refletido no vidro enquanto falava ao telefone. Estava mesmo a irritar-me com a minha mãe, por causa do gato da família, durante uma viagem de comboio para Amesterdão? Ridículo, de facto. Por sorte, a Amy veio em meu auxílio, levantando-se e passando de raspão junto aos meus joelhos. Serpeou as sobrancelhas em jeito de sinal. O Victor, reparei então, seguiu-a pelo corredor, sabe Deus até onde. A Polónia estava prestes a ser conquistada.

— Olha, mãe, estamos quase a chegar a Amesterdão — menti. — Preciso de arrumar a minha tralha. Diz ao pai que eu trato da papelada assim que chegar a casa. Prometo. Ele que pare de se preocupar. Estou em contacto com as pessoas lá do escritório e está tudo pronto para eu começar em setembro. Sem stress. Eles estão muito contentes por me terem lá e satisfeitos por eu ter feito esta viagem. Encorajaram-me a fazê-la, lembras-te, porque sabem que, assim que regressar, irei trabalhar afincadamente.

— Está bem, querida. Tu saberás melhor do que ninguém. Toma cuidado contigo, está bem? Prometes? Adoro-te. Dá um beijo e um abraço às miúdas.

— Fica descansada, mãe, eu dou. Adoro-te.

A chamada terminou. A maternossauro deslocou-se pesadamente em direção ao Jurássico, as suas patas deixando pegadas fundas na rocha à medida que avançava. Fechei os olhos e tentei dormir.

3

— O QUE ESTÁS A LER?

Era tarde. Não conseguira dormir, afinal de contas. A Amy não voltara. A Constance mostrava-se capaz de dormir por todas nós. Eu estava em Espanha com Hemingway, bebendo em demasia e assistindo às touradas. *Fiesta*. Os ribeiros montanhosos onde se pescavam trutas. Estava tão absorta no livro que nem me apercebi de que o Jack se tinha sentado ao meu lado.

— Desculpa? — disse, e encostei o *iPad* ao peito.

— Fico com as pernas dormentes ali em cima. Não de imediato, mas ao fim de algum tempo. Pelo menos, consegui dormir um pouco. Queres experimentar? Eu ajudo-te a subir.

— Seria capaz de o fazer sozinha, se quisesse.

— Era uma cortesia, não um insulto.

— Terás de levantar-te, se a minha amiga voltar. Esse lugar está ocupado.

Ele sorriu. Interroguei-me por que raio estava a ser uma cabra. O mais certo era que fosse um mecanismo de defesa. Ele era tão giro (e sabia tão bem isso) que só me apetecia causar danos na sua autoconfiança. O meu pescoço corou. É a minha fraqueza. Fico com o pescoço encarnado sempre que estou nervosa, entusiasmada ou

sob pressão. Na universidade, quando fazia exames, parecia um peru. Costumava usar golas altas para cobrir o pescoço, se bem que o calor provocado pela gola apenas servisse para piorar a situação.

— Estavas a ler, não estavas? — inquiriu ele. — Vi-te passar as páginas com as pontas dos dedos. Gostas destes e-books? Eu não sou grande fã.

— Posso transportar muitos livros num único aparelho, de pequenas dimensões.

— Uau! — comentou ele, num tom zombeteiro, mas namoriscador.

— Em viagem, faz sentido, e é o mais prático.

— Mas um livro é um companheiro. Podemos lê-lo num lugar especial, como num comboio para Amesterdão, depois levamo-lo para casa e empilhamo-lo numa prateleira e dez anos mais tarde recordamo-nos do que sentimos naquele comboio, quando éramos jovens. É uma espécie de pequena ilha no tempo. Se adorarmos o livro, podemos dá-lo a outra pessoa. E podemos descobri-lo uma e outra vez, e é como rever um velho amigo. Não dá para fazer isso com um ficheiro digital.

— Suponho que sejas mais puro e virtuoso do que eu. Também podes empilhar o livro numa prateleira e depois empacotá-lo quando mudas de casa, depois desempacotá-lo e empacotá-lo mais uma vez. E assim por diante. Um *iPad* pode conter mais livros do que qualquer estante em qualquer apartamento que eu consiga arranjar.

— Não confio em dispositivos eletrónicos. Parecem-me todos umas geringonças.

Mas, dizendo isso, agarrou no *iPad* e virou-o para ele. Aconteceu tão depressa que nem tive tempo de o impedir. Estava consciente de que toda aquela experiência era própria de um comboio: rapaz giro, comboio em movimento, luzes, o cheiro a comida que provinha do vagão-bar, línguas estrangeiras, aventura. Além disso, ele sorriu. Tinha um sorriso de arrasar, um sorriso cúmplice, um sorriso que indicava que a malandrice estava ao virar da esquina... *anda daí, vamos divertir-nos mais do que estás a divertir-te agora, sozinha.*

— Hemingway? — perguntou ele, lendo uma página. — *O Sol Nasce Sempre.* Ena, estás mesmo apanhadinha.

— Apanhadinha pelo quê?

— Ora, tu sabes, por tudo o que rodeia Hemmy, todo o ambiente relacionado com ele. Paris, beijar as idosas nos açougues, vinho, os impressionistas, tudo isso. O habitual ambiente romântico da experiência dos expatriados na Europa. Talvez até a cena do quero-ser-escritor-e-viver-numas-águas-furtadas. É provável que estejas apanhadinha a esse nível. Pensei que as mulheres já não gostassem de Hemingway.

— Gosto da tristeza.

Ele olhou para mim. Não esperara aquilo, percebi. Até se inclinou um pouco para trás para me observar melhor. Era como se estivesse a avaliar-me.

— Costa Leste — aventou, à experiência, como se lhe tivesse sido pedido que escolhesse entre dois sabores de gelado. — Nova Jérсия, talvez Connecticut. O teu pai trabalha em Nova Iorque. Pode ser Cleveland, talvez os Heights, posso estar bem enganado, mas não me parece. Acertei?

— De onde é que tu és?

— De Vermont. Mas não me disseste se acertei ou não.

— Continua. Quero que traces o meu perfil completo.

Ele tornou a olhar para mim. Segurou-me o queixo gentilmente. Pareceu-me uma bela tática de engate, independentemente de quão certo ele pudesse estar. Virou-me a cara para um lado, depois para o outro, examinando-me com um ar sério. Os olhos dele eram deslumbrantes. O meu pescoço brilhava como flanela vermelha. Olhei de relance para ver se a Constance acordara com as nossas vozes, mas continuava adormecida. Ela era capaz de dormir mesmo no meio de um furacão.

— Licenciaste-te há pouco tempo. Vieste para a Europa com as tuas amigas... Colegas de república? Não, provavelmente não partilharam a mesma república. És demasiado esperta para isso. Talvez tenham trabalhado juntas no jornal da faculdade. E frequentaste uma boa universidade, não foi? Costa Leste, portanto, talvez o Sarah Lawrence College, o Smith College, qualquer coisa assim.

— Amherst — disse.

— Ohhhh, e inteligente também. Hoje em dia é difícil entrar em Amherst. Ou bem relacionada, em que ficamos? Serás assim tão

inteligente? Hã? Ainda está para se ver. Mas estás a ler Hemingway na Europa, portanto, isso ou é muito impressionante ou um gigantesco lugar-comum.

— Estás a ser um idiota, sabias? Um idiota condescendente. O pior tipo de idiota que existe.

— Estou a fazer uma exibição de masculinidade para te conhecer. A questão é a seguinte: gosto de ti. Simpatizei contigo mal te vi. Se tivesse penas na cauda, abria-as em leque e dançava à tua volta para demonstrar o meu interesse. Mas como é que me estou a sair, até agora? Está a resultar, sequer? Já sentes palpitações?

— Eras melhor antes de teres aberto a boca. Muito melhor, na verdade.

— OK, *touché*. Vejamos. Mãe envolvida em organizações de caridade, trabalho voluntário. O pai conseguiu chegar longe. Longe em termos de empresa, não como empresário. Mas é apenas uma suposição. Seja como for, dinheiro não falta. Estás a ler Hemingway, portanto, tens uma sensibilidade artística, mas não confias nela, porque, bem... porque não é uma coisa prática. Hemingway faz parte do currículo de quem se acha culto, certo?

Respirei fundo, acenei que sim com a cabeça aceitando o que ele tinha dito e pronunciei-me.

— E tu és um imbecil de um vermontiano armado em amigo do planeta e em terra a terra, que fala pelos cotovelos, que provavelmente até lê, concedo-te isso, que tem daqueles fundos fiduciários que lhe permite deambular pelo mundo, engatando raparigas e deslumbrando-as com a sua vivacidade de espírito, sagacidade e erudição. A questão é que o teu objetivo não é o sexo que poderá estar incluído no pacote, se bem que, obviamente, não o descartes. O teu fito é fazer com que as raparigas se apaixonem por ti, se maravilhem com a tua prodigiosidade, porque é essa a tua patologia. Portanto, podes arengar à vontade acerca de Hemmy, como se fossem amigos dos copos, mas Hemingway fez tudo isto à séria, procurava uma coisa que tu nunca entenderás, e tu... tu andas apenas a fazer de conta, a brincar a isso, e agora é melhor pões-te na alheta, porque a Amy não deve tardar.

Ele sorriu. Se o magoei, o olhar não o traiu. Encolheu-se então, na brincadeira.

— Descrava a faca antes de eu partir.

— Lamento, Jack — disse, e não pude deixar de usar o seu nome para troçar dele. — Já alguém te disse que pareces uma má versão do Hugh Jackman?

— O Wolverine?

Anuí com a cabeça.

— Desisto. És tu a vencedora. Misericórdia.

Começou a pôr-se de pé e deitou a mão à agenda que eu tinha sob o *iPad*.

— Diz-me que não é uma *Smythson*. *Smythson of Bond Street*? Oh, meu Deus, as agendas mais caras e elegantes que se encontram à venda? Diz-me que isto não é teu.

— Foi um presente de final de curso. E não custou o que tu pensas, acredita. Foi uma pechincha, praticamente grátis.

— Estou a tentar imaginar que tipo de pessoa precisa de uma agenda pretensiosa para a recordar de que está bem na vida.

— Uma pessoa que aprecia a pontualidade. Uma pessoa que não quer esquecer-se dos seus compromissos. Uma pessoa que está a tentar chegar a algum lado neste mundo.

— Ah, e tu és uma dessas pessoas?

— Tento ser.

— Quanto é que custam essas coisas, afinal?

— Não te diz respeito. Vai chatear outro, sim?

— Oh, valha-me Deus! — reclamou ele, largando a *Smythson* no meu colo. — Achas mesmo que, se conseguires todas as estrelas douradas que a professora distribui, há um frigorífico gigantesco no céu onde poderás pendurar os teus papelinhos especiais? Que uma supermamã algures irá colocar ímanes de frigorífico a segurar as tuas façanhas e toda a gente irá dar um passo atrás e aplaudir?

A minha vontade foi espetar-lhe um murro. Por pouco não o fiz.

— Achas mesmo, Jack, que deambular pela Europa e tentar ser uma alma solitária e romântica te irá transformar noutra coisa que

não um bêbedo cínico, sentado algures num bar a entediar toda a gente à sua volta?

— Uau — replicou ele. — Tu viajas apenas para o currículo? Para poderes dizer, num cocktail qualquer, um dia, que estiveste em Paris? Porque te deste ao trabalho de vir até aqui, se viajar para ti é isso?

— Para mim, viajar não se resume a uma filosofia, Jack. Mas uns *hipsterzecos* que chegaram uma centena de anos atrasados à festa, em Paris, bem... metem pena. Alguns de nós acreditam em fazer coisas. Em conquistar alguma coisa. Portanto, sim, por vezes arranjamos agendas *Smythson* que nos ajudam a organizar o dia. Chama-se a isso progresso. Temos automóveis e aviões e, espante-se, *iPads* e *iPhones*. Aguenta-te à bronca, menino de Vermont.

Ele sorriu. Eu quase sorri de volta. Tive de admitir que era divertido esgrimir argumentos com ele. Queria-me parecer que ele não levava a sério muito do que dizia. A única coisa que ele parecia levar a sério era a maneira como os nossos olhares não paravam de se cruzar.

— Bem jogado, tenho de admitir. Bem jogado. Gosto da tua paixão. Não é preciso muito para te afiar a língua, pois não?

— É o melhor que consegues fazer? Estás a chamar-me víbora, Jack? Espero que saibas que não me escaparão a maior parte das referências com que resolveres insultar-me. Sou culta e muito inteligente. Desanda, Jack Vermont. Vai continuar a contemplar o grande significado da tua vida, ou talvez engendrar o próximo romance que nunca escreverás. Vai encontrar um café onde possas sentar-te e fingir conversas de importância fingida com outros expatriados fingidos que gostam de acreditar que conseguem examinar a experiência humana de modo mais aprofundado do que nós, pobres e ignorantes empreendedores. Isso irá fazer-te sentir espetacularmente superior. Poderás olhar-nos do cimo da tua autoridade moral e lançar-nos raios.

— Expatriados fingidos? — disse ele, sorrindo novamente. Sorria para me fazer sorrir, e tive de esforçar-me para não ceder.

— Queres que continue? Ou já percebeste a ideia?

— Percebi, sim — respondeu ele, e levantou-se, sem pressa. — Acho que correu muito bem. E tu?

— Foi maravilhoso.

Fez grande alarde de esgueirar-se entre mim e o banco da frente para chegar ao corredor (e ele tinha, de facto, um belo corpo) e a seguir tornou a trepar para o suporte de bagagem. Depois de se acomodar, esperou até que olhasse para ele. Mostrou-me a língua. Ripostei na mesma moeda.

4

FOI NESSE PÉ QUE AS COISAS se mantiveram durante um tempo. O meu pescoço ardia e tive dificuldade em controlar a respiração. Pousei a cara nas mãos e contei até dez, tentando recompor-me. Não gostava de assimilar isso, que podia ser tão facilmente categorizada, porque era *mesmo* de Nova Jérсия e o meu pai detinha *mesmo* um cargo elevado numa grande empresa e a minha mãe fazia, *de facto*, trabalho voluntário. Irritava-me pensar que era de um tipo óbvio, uma pessoa que alguém como o Jack era capaz de identificar em poucos minutos. Também não gostava do veneno que cuspia quando ripostava. Pensando bem, ele ultrapassara os limites. Observei-o, novamente à luz dos clarões. Há meses que estava na zona livre de homens, desde que rompera com o Brian, a minha grande paixoneta da faculdade. Continuava sem querer enfrentar o facto de ter levado o Brian a conhecer os meus pais, de ter chegado a decorar a árvore de Natal com ele, descobrindo pouco depois que ele se enrolara com uma tipa por causa de uma aposta feita num bar, na semana anterior. O Brian estava bêbedo e a rapariga era uma empregada de bar local com uma copa de soutien generosa e longos cabelos louro-platinados e ele tinha sido empurrado para a coisa pelos amigos. *Desafio, desafio, desafio, ah-ah-ah, que engraçado, que engraçado, mais*

uma rodada, cantarolaram eles. Assim, ele tinha ido para o carro dela, ou para o dele, ou para um beco, tanto quanto eu sabia, e aí decorrera o apostado *rendez-vous*. E não significara nada, isso era mais do que certo, o mundo inteiro estava de acordo em relação a isso, mas eu só me lembrava de ter olhado para cima, para as calças de bombazina do Brian, enquanto ele, no topo do escadote, ia colocando os ornamentos que eu lhe passava, enquanto o meu pai preparava bebidas no bar contíguo à sala de estar e a minha mãe, o T-Rex, se arrastava pela casa com um pulôver fino pelos ombros, como se fosse um xaile, e umas calças *Eileen Fisher* de trezentos dólares puxadas até às costelas. No rádio ouvia-se a merda do Bing Crosby. Confesso: a atmosfera romântica de tudo aquilo afetou-me (o Natal no campo, a neve a cair, como no filme *Quinze Dias de Prazer*), até que o Ronnie, o amigo do Brian, publicou no *Facebook* uma fotografia dele com a mão enfiada nas *skinny jeans* da Brenda, a tal empregada de bar, e com a língua de fora como se fosse o guitarrista de uma banda de *acid rock*, ao mesmo tempo que ela se roçava contra a coxa dele e se inclinava para trás, estilo *cowgirl*.

O que se seguiu, depois de uma pesquisa no *Twitter* e no *Facebook* e mais algumas fotos onde ele aparecia identificado, foi uma pequena discussão em voz baixa entre o Brian e eu, na sala de jogos da cave, as nossas vozes tensas e controladas sibilando como radiadores velhos.

Como é que foste capaz? Ela? Comeste-a?

Foi só uma brincadeira. Uma aposta! Eu estava bêbedo!

Merda, Brian. Por amor de Deus.

Está tudo bem. Bolas, descontrai, Heather. Não estamos noivos, sabias?

Vai-te foder, Brian.

O nosso pequeno Paraíso esfumara-se. Separámo-nos no dia seguinte, a mala dele tombando com um baque seco na bagageira do seu velho *Volvo* antes de ele arrancar, as luzes natalícias levando-o para longe. Quando me virei para a casa, avistei o *Sr. Periwinkle*, o nosso velho gato, na janela do piso de cima, observando a cena.

De volta ao Jack. A Constance dormia. A Amy continuava desaparecida. Na carruagem instalara-se aquela calma inquieta que costuma

abater-se sobre coisas em movimento quando as pessoas tentam dormir, mas estão constantemente a acordar. Senti o cheiro a café vindo do vagão-bar atrás de nós. De vez em quando, como que saído de um filme *noir*, chegava-nos o som que os comboios fazem quando passam numa estação ou junto a uma parede. Um resultado do efeito Doppler, segundo o que tinha aprendido em Física.

Decidi tomar um café. E resolvi que iria ser menos rígida com o Jack, o *Wolverine*. Quando passei por ele, tirei-lhe uma foto com o meu *iPhone*. Ele não acordou. Às tantas, comecei a sentir-me culpada pelo modo como falara com ele, por ter sido tão dura, por isso, quando pedi o meu *latte*, pedi um para ele também, supondo que alguém o beberia, se ele não o quisesse. Enquanto o empregado fazia o café, olhei para a fotografia. O Jack era lindo de morrer, mas dormia profundamente, estilo zombie, na verdade, e interroguei-me acerca disso. O Brian tinha sempre dormido sem grande empenho, um insone ansioso por que o mundo comesse de novo. O Jack parecia afundar, descer bem fundo, quando dormia.

Levei os cafés de volta, um em cada mão, o que se revelou mais difícil do que pensam. Parei junto à cabeça dele e olhei-o despidoradamente durante poucos segundos, crente de que fitar uma pessoa tinha o poder de a acordar. Foi o que aconteceu. Talvez ele tenha detetado a presença de alguém, não sei, mas olhou para mim e sorriu, e foi um sorriso doce e inocente, com que podia muito bem ter presenteado a mãe quando do seu décimo aniversário.

— Trouxe-te um café — expliquei. — Era o mínimo que podia fazer, tendo em conta a tua triste vida.

— Deixa-me só levantar.

Esperei. Lentamente, ele deslizou para fora do compartimento. Era a primeira vez que me encontrava de pé ao lado dele, e apreciei o modo como ele pareceu enroscar-se à minha volta. Ombros largos, músculos grandes, um homem que era um autêntico escudo.

— Podíamos bebê-los na plataforma entre as carruagens — sugeriu Jack, arrumando o saco-cama de modo a poder deixá-lo ali mesmo. — Apetecia-me respirar ar fresco, visto que sou um infeliz, inútil e privilegiado rapaz de Vermont.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Pois és — anuí. — É triste, mas é verdade.

Ele terminou de enrolar o saco-cama e agarrou no café. Seguindo-o até ao exterior, interroguei-me se o que acabara de fazer podia ser considerado um engate.

5

— DESCULPA, HÁ POUCO comporte-me como um idiota — pediu ele. — Por vezes, excedo-me.

— Só com as mulheres?

— Suponho que sim.

— És assim exibicionista de um modo geral?

— Só perto de mulheres tão bonitas como tu.

— Quantos anos tem essa tirada?

— Não é assim tão velha. E talvez esteja a ser sincero. Talvez ache que és muito bonita. Quanto é que medes?

— Um metro e sessenta e sete.

— É a altura perfeita, sabias? Os trapezistas têm todos, no máximo, um metro e sessenta e sete. O mesmo se passa com as balas humanas, as pessoas que são disparadas de canhões. Têm um metro e sessenta e sete.

— Estás a inventar isso tudo.

— É um facto conhecido. Um facto aceite em todo o lado. É a primeira pergunta que te fazem, se fores candidatar-te a um emprego no circo. Até os domadores de leões têm um metro e sessenta e sete ou menos.

— Já trabalhaste num circo?

— Claro.

— Mas tu tens mais de um metro e sessenta e sete.

— As mulheres é que têm de ter, no máximo, um metro e sessenta e sete. No caso dos homens, não importa a altura, desde que não trabalhem em palco, que foi o meu caso. Eu estava encarregado de convencer as pessoas a lançar bolas a pirâmides de garrafas. Era uma espécie de pregoeiro.

— Não acredito em nada do que dizes.

— E uma vez fui mordido por um leão. Provavelmente, também não vais acreditar nisto. Foi mesmo na coxa, na parte mais carnuda da coxa. Estava a dormir e, de repente, lá estava ela, uma fêmea, chamada *Sugar*. Era conhecida por ter mau génio, mas eu nunca tinha tido problemas com a *Sugar*. Ao mesmo tempo que me mordida, olhou para mim, como que a pedir-me desculpa, mas, afinal de contas, aquela era a natureza dela. Eu não passava de um petisco noturno.

— És tão aldrabão, mas era capaz de te ouvir durante um bocado...

Ele encolheu os ombros e deu um gole no seu *latte*. Estávamos frente a frente, cada qual encostado a uma carruagem. Os carris pareciam voar sob os nossos pés. Os cheiros chegavam-nos ao nariz quase indistintamente, dissolvidos no movimento: feno e cinza, chuva, talvez, e um cheiro elétrico que vinha do motor.

— Foram muitas as vezes que perguntei porque é que a *Sugar* me largou. É uma coisa que me ensombra, para te ser sincero.

— Talvez não soubesses bem. Isso foi em Vermont?

— Em Istambul. É uma longa história. Desculpa. Fico nervoso e depois falo demais. Ou esforço-me demasiado. Foi o que fiz contigo, há pouco. Um defeito fatal, pressuponho.

— Não lhe chamaria fatal. Apenas um defeito.

— Esperava que me achasses byroniano.

— Creio que se precisas de esperar que alguém te ache byroniano, então não o és. *Ipsa facto*.

Olhou para mim e sorveu mais um trago de café. Não era grande coisa.

— *Ipsa facto*? — indagou ele. — É a expressão latina para «pretensioso»?

— *Pelo próprio facto*. O inimigo do meu inimigo é *ipso facto* meu amigo.

— És uma aluna verdadeiramente brilhante, não és?

— E o problema em relação a isso é...?

— Apenas o facto de seres a menina linda dos professores. É por isso que tens uma agenda *Smythson*. Qual foi a pior nota que alguma vez tiveste? Sem contar com Educação Física, é claro.

— Então, achas que não tiraria nota máxima em ginástica?

— Acho que, provavelmente, foste logo escolhida no jogo do mata, e depois toda a gente da equipa contrária tentava acertar-te com a bola na cabeça, por seres a melhor aluna da turma. *Ipsa facto*.

— Sabes sempre tudo acerca de toda a gente, instantaneamente? Ou só acontece comigo?

— Conheço bem a tua pinta. És o tipo de pessoa que costuma ser o delegado de turma. Que pendura aquela faixa enorme nas festas estudantis. A rapariga que sobe ao escadote. A rapariga com a fita gomada.

— E tu és o rapaz fixe e mandrião que deambula na orla do seu próprio mito.

— Gosto dessa expressão. «Deambular na orla do seu próprio mito.» Estás a ver? Tens potencial.

— Oh, ainda bem, que alívio. Murcharia sem a tua aprovação.

Olhou para mim e sorriu por cima do rebordo do copo.

— Qual é o teu defeito — quis ele saber —, fatal ou não?

— Porque haveria de te dizer tal coisa?

— Porque estás num comboio para Amesterdão e temos de conversar sobre alguma coisa. E sentes-te loucamente atraída por mim, portanto, é uma forma de namoriscar que secretamente desejas, mas que tens relutância em admitir.

— Não sofres de falta de autoconfiança, pois não?

— Parto do pressuposto de que, uma vez que me sinto atraído por ti, tu provavelmente sentes o mesmo. Além do mais, quando nos entreolhamos, não conseguimos desviar o olhar. Entendes o que quero dizer? Sim, sabes do que estou a falar, Heather de Nenhores.

Abanei a cabeça. Ele estava certo em relação a tudo. O facto de ele saber que tinha razão acerca de tudo deixava-me nervosa.

— O teu defeito, lembras-te? — insistiu ele. — Vou continuar a perguntar. É outra das minhas falhas. Por vezes, sou demasiado persistente.

— A minha falha é difícil de expressar por palavras.

— Tenta.

Respirei fundo, interrogando-me acerca da estranha propensão que por vezes demonstramos para revelar segredos a estranhos com que nos cruzamos em comboios, segredos esses que jamais contaríamos a qualquer outra pessoa. Ainda assim, segui em frente.

— De cada vez que olho para um avião, desejo sempre que tombe do céu. Naquele preciso momento. Não sei se é um desejo sincero, se um mero impulso perverso, mas é isso que me ocorre. Tenho uma fantasia de correr para um campo, encontrar um avião despenhado e salvar pessoas.

— Isso não é um defeito. É uma psicose. Precisas de ajuda. Necessitas de um exaustivo apoio psicológico.

Bebi um pouco de café. O comboio estrepitou ao passar por cima de uma espécie de ponte.

— E quando vejo uma noiva a caminhar em direção ao altar — continuei —, fico sempre à espera de que ela tropece. Quando vou a um casamento, a minha mãe nunca me deixa ficar sentada junto ao corredor, com receio de que eu estique o pé.

— Alguma vez o fizeste?

Abanei a cabeça.

— Ainda não, mas hei de fazê-lo. Na verdade, pode ser qualquer ocasião formal. Um evento em que toda a gente esteja muito bem vestida. Fico sempre a ansiar por uma luta de comida ou por ver alguém com a cara mergulhada num bolo. Não consigo evitá-lo. O mundo parece-me estar sempre à beira de se tornar uma festa universitária.

— És uma anarquista, é por isso. Prevejo que venhas a ser uma cidadã-modelo até aí aos 40 anos e depois te juntes a uma milícia radical. Imagino-te de farda e com um machete pendurado ao pescoço. Sentes-te atraída por machetes?

— Mais do que imaginas.

— Nesse caso, o teu destino será a América do Sul.

— Ah, nem estás a generalizar, nem nada. Toda a gente na América do Sul tem um machete?

— Obviamente. Não sabias?

— E que arma é que te atrai a ti?

— Tesouras de podar.

— Tesouras de podar... E porquê?

— Acho apenas que são pouco apreciadas.

— Raias os limites do irritante, sabias? Por vezes, salvas a pele, e nem sequer te dás conta disso.

— Há quem ache isso fofoso. Ou típico de um ferrabrás. Depende.

O Jack bebeu mais um pouco do seu café, o seu olhar sempre na minha direção. Uma parte de mim queria beijá-lo e outra ansiava por lançar-lhe o café à cara autocomplacente, contudo não havia nada nele que me deixasse indiferente, e isso era uma estreia para mim.

— Que idade tens? — perguntei. — Devias ter um emprego. Devias estar a trabalhar.

— Que idade me dás?

— Uns 10 anos.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Tenho 27 — disse ele. — E tu?

— Um cavalheiro nunca pergunta a idade a uma senhora.

— Tens-me na conta de cavalheiro?

— Acho que estás muito longe de ser um ferrabrás.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Tenho 22 — admiti. — Prestes a completar 23.

— Chumbaste um ano?

— É claro que não!

— Provavelmente, foste retida um ano e os teus pais não te disseram. Não é invulgar, sabes?

— Fui boa aluna. Tu mesmo o disseste.

— Foste boa aluna porque os teus pais te retiveram um ano e tiveste o benefício de um ano de maturidade em relação aos teus colegas. Não é a primeira vez que me cruzo com pessoas como tu.

É terrivelmente injusto. Tiveste uma vantagem ao longo de todo o teu percurso escolar.

— E tu sentavas-te no fundo da sala, não era? E fazias de conta que estavas a desenhar ou que eras um poeta incompreendido. O cliché é tão grande que até me faz doer os molares.

— E o que é que eu vestia?

— Por onde hei de começar? Calças de ganga, sem dúvida. T-shirt com o nome de vários lugares estampados... Não, não, espera lá, estou aqui a captar uma outra onda... Ferramentas. T-shirts da *John Deere*, talvez, ou *Ace Hardware*. Qualquer coisa utilitarista ou proletária. E usavas o cabelo comprido, como agora, só que, provavelmente, puxavas um caracol para a testa, de propósito, porque... bem, porque vivias demasiado absorto nos teus pensamentos poéticos. Certo? Portanto, eras o tipo comum, o rapaz da quinta, dono de uma alma profunda. Vieste num *kit*? Ou já estavas montado?

— Não requer montagem.

— E, em termos de notas, não passavas do 4, talvez 3 em algumas disciplinas. Não te esforçavas seriamente, baldavas-te a alguns trabalhos, podias ter feito melhor, mas lias bastante e os professores apreciavam isso. Namorada? Hum. Essa é mais difícil. Quiçá uma rapariga que criava ovelhas. Ou cabras... cabras é melhor. Cheirava a perfume e a estrume, mas também ela, miraculosamente, adorava ler e poesia.

— Acertaste em cheio. Cauterizas-me a alma com o teu apurado discernimento e perspicácia.

— Tenho cá para mim que ela tinha o nome de uma planta... ou de uma estação do ano. Summer. Ou talvez Hazel ou Olive. Ou, quem sabe, June Bug.

Não falámos durante um momento. Pus-me a pensar se não teria ido longe demais. Então, os nossos olhares cruzaram-se de novo. O comboio balouçou e ele levou o copo do café aos lábios e esvaziou-o. Era possível que nos encaminhássemos para um beijo. Um beijo sério. Gostava demasiado dele; tomei consciência disso. Nesse momento, um tipo surgiu na plataforma e acendeu um cigarro. Era proibido, mas ele fê-lo na mesma. Disse-nos qualquer coisa em inglês, mas não

consegui percebê-lo, por causa do barulho do comboio. Assemelhava-se a um ciclista, de pernas magras e secas e com um boné de pala curta. Não consegui perceber bem.

Em seguida, dois outros amigos dele saíram para a plataforma, vestidos mais ou menos como ele, por isso concluí que se trataria de uma equipa ou de um grupo. O Jack olhou para mim. Perscrutámos a alma um do outro. Ele sorriu, e foi um sorriso bom, mas também um pouco apagado. Significava que aquele momento na plataforma tinha terminado, que o apreciámos enquanto existira, e depois desaparecera. Qualquer coisa assim.

— Pronta? — perguntou, acenando com o queixo na direção da nossa carruagem.

Acenei que sim com a cabeça. E pronto.

ÀS VEZES, UMA TROCA DE OLHARES PODE SER O PRINCÍPIO DO RESTO DA TUA VIDA

Heather já acabou os estudos. Está prestes a aceitar uma proposta de emprego num grande banco em Manhattan. Antes disso, no entanto, decide fazer uma viagem de comboio pela Europa com as amigas. Umás férias merecidas, antes de começar a vida adulta. Até aqui, tudo normal, certo?

Mas quando um rapaz chamado Jack lhe pede licença e trepa pelo seu assento no comboio para se deitar a dormir no compartimento de bagagens, Heather percebe que esta viagem talvez não vá ser tão normal assim. Chegados a Amesterdão, já são inseparáveis. Enquanto descobrem os canais da cidade holandesa, Jack partilha com Heather os motivos da sua viagem. Tem um velho diário, do seu avô, que refere todos os sítios aonde quer ir.

O casal, juntamente com uma série de amigos, vai acabar por percorrer o itinerário do avô de Jack o melhor que pode. Mas será que Jack está a contar a Heather tudo sobre o seu passado? E será o encanto do velho continente suficiente para cimentar um amor que apareceu do nada?

**Um romance enternecedor, que vai
derreter até os corações mais resistentes.
Se gosta de histórias de amor e tem uma
paixão por viajar, este livro é para si.**

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-61-6



9 789898 869616

Ficção Romântica